

TECNOLOGIAS DIGITAIS E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Graziela Brito de Almeida ¹
Alice Claudina dos Santos ²

RESUMO

Este estudo tem intenção de refletir a perspectiva da tecnologia em uso na atuação da coordenação pedagógica em que o conhecimento da tecnologia e seu uso na coordenação se conectem no processo de ensinar e aprender. Compreendemos que ao se tratar de tecnologias da informação é significativa à busca de resultados esperados diante do uso delas pelas pessoas. Apesar das dificuldades ainda surgidas em meio à apropriação e manejo destes recursos é possível à observação quanto à inserção e facilitação que podem trazer formação e transformação de vida, seja esta, social, educacional, política e cultural com o uso das Tics. Nossas reflexões foram apoiadas nos estudos de pesquisa bibliográfica, na medida em que buscamos analisar, documentos de domínio científico tais como livros, periódicos e artigos científicos, especificamente os que abordam as tecnologias digitais da informação e comunicação que se apresentam como ferramentas essenciais na promoção da aprendizagem, sejam elas, no acesso a profissionalização e aperfeiçoamento, quanto aos novos recursos e possibilidades educacionais disponíveis. Consideramos que o uso das tecnologias na ação da coordenação pedagógica contribui para a aprendizagem dos alunos e professores na era digital e fortalece a construção de conhecimento profissional.

Palavras-chave: Tecnologias educacionais, Gestão pedagógica, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

A crescente era das tecnologias e inovações tem se feito oportuno no mundo de busca por novas fórmulas e atendimentos para as variadas necessidades e problemas surgidos no dia-dia. Em épocas não distantes de nossa realidade, era possível perceber a recusa e os conflitos por conta da chegada do computador, rede digital, internet e informações que viabilizam repensar práticas educacionais e processos que perpassam a aprendizagem na educação formal e não formal. Ao se tratar de tecnologias da informação é surpreendente à busca de resultados esperados diante do uso delas pelas pessoas. Apesar das dificuldades ainda surgidas em meio à apropriação e manejo destes recursos é possível à observação quanto à inserção e facilitação que podem trazer formação e transformação de vida, seja esta, social, educacional, política e cultural com o uso das Tics.

Essas novas tecnologias, assim consideradas em relação às tecnologias anteriores existentes, quando disseminadas socialmente, podem mudar qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam

¹ Doutoranda do Curso de Educação da Universidad Internacional Iberoamericana – UNINI México, galmeida2014@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Ciência da Linguagem da Universidade Católica - PE, alicemariacs@gmail.com;

com outras pessoas e com o mundo à sua volta. A evolução tecnológica não se restringe aos novos usos e formas de determinados equipamentos e produtos. Mas, indica possíveis alterações nos comportamentos de seus participantes ou envolvidos. Tecnologia, não significa apenas o uso de equipamentos ou tornar-se inserido a uma plataforma da internet; mas é fazer parte de um todo, seja este espaço, lugar e tempo. É comum identificá-la na rotina de vida das pessoas – como dormir, comer, trabalhar, o deslocamento para diferentes lugares, ler, conversar, se divertir. Para Kenski,

Atualmente não é mais a pessoa que sai em busca de informações: é a informação que se oferece sem ser buscada. Informação fácil sobre tudo, que invade a nossa privacidade, ocupa nosso tempo e o espaço do nosso pensamento, transforma nossas intenções, manipula nossos desejos. Informação que nos manipula ao acordar e nos acompanha em todos os momentos, todos os dias. (2013 p. 86).

As tecnologias estão tão próximas e presentes que pouco, é percebida nas rotinas do dia-dia. As novas tecnologias de multimídia e a internet se apresentam como ferramentas essenciais na promoção da aprendizagem, sejam elas, como acesso a profissionalização e aperfeiçoamento, quanto aos novos recursos e possibilidades educacionais que estejam disponíveis. Têm se exigido mais da sociedade, comunidade, família, educação e da informação. O ponto de partida tem sido a busca pelo novo e aperfeiçoamento, mesmo que estes não estejam acessíveis a todos ou aos lugares.

Contudo, o dilema de permitir e usufruir as tecnologias no espaço escolar e fora dele pode tecer discussões de diferentes posturas pedagógicas e didáticas, dos quais coordenação, professores e alunos estejam inseridos. Por um lado, alunos mais envolvidos e dinâmicos na rede de informação e tecnologia, por outro lado profissionais pouco envolvidos no processo de inserção de ferramentas tecnológicas, acanhados quanto à habilidade no uso das Tics e alheios ao que lhes sejam atraentes no emprego de estratégias de como esta, pode vir a contribuir para a inovação, colaboração, criação e difusão da comunicação em áreas do conhecimento científico e pedagógico. O que, [...] “ser mais úteis, prestar serviços mais relevantes à sociedade, a sair do casulo em que se encontram” (MORAN, 2007 p. 22). Por isso, a proposta deste artigo tem a intenção de refletir a perspectiva da tecnologia em uso no campo de atuação da coordenação pedagógica de modo que o conhecimento entre ambas as partes se conecte no processo de ensinar e aprender.

METODOLOGIA

Este artigo foi resultado de uma pesquisa bibliográfica na medida em que buscamos analisar, “documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos” (OLIVEIRA, 2016 p. 69). No intuito de pensar sob como o uso das tecnologias e a ação da coordenação pedagógica podem contribuir para a aprendizagem dos alunos e professores na era digital e tecnológica. E, “levar o pesquisador (a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo” (OLIVEIRA, 2016 p. 69).

A abordagem adotada foi à qualitativa com a intenção de aprofundar a compreensão do objeto de estudo referente ao uso de tecnologias e as ações de coordenação junto aos profissionais das diversas áreas do conhecimento. Nesse estudo compreendemos que,

A fonte direta de dados é o ambiente natural; os materiais registrados são revistos na sua totalidade pelo investigador. Os dados são recolhidos em situação natural e complementados pela informação que se obtém através do seu contato direto; transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorando e outros registros oficiais; supremacia do processo em detrimento do produto; familiaridade com o ambiente, pessoas e outras fontes de dados,... (DIEZ; HORN, 2013 p. 27)

Assim, os procedimentos técnicos utilizados foram delineados no estudo de textos já que busca a compreensão ampliada sobre fenômenos ou situações que facilitem refletir nosso entendimento diante das ações do sujeito com o outro no processo de comunicação e interação tecnológico e científico diante das TICS.

DESENVOLVIMENTO

Repensar o processo, reaprender a ensinar, o está junto, orientar atividades, a definição do que vale a pena fazer para aprender junto ou separado, são propostas que pretendem facilitar às relações dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Mercado diante dessas situações mencionadas:

As novas tecnologias e o aumento exponencial da informação levam a uma nova organização de trabalho, em que faz necessário: a imprescindível especialização dos saberes; a colaboração transdisciplinar; o fácil acesso à informação e a consideração do conhecimento como um valor precioso, de utilidade na vida [...] (1998, p. 1).

Principalmente quando usadas para planejar, ensinar, aprender e orientar as atividades próprias e as do outro, pode admitir modificações no processo em sala de aula e fora dela. A possibilidade de verificar o quanto o grupo de pessoas ou instituições redefine e recria procedimentos e normas - "regras," de uso das ferramentas tecnológicas incluídas no projeto pedagógico vivenciado dentro de seus espaços, pressupõem uma série de fatores: conhecimentos prévios, expectativas, motivação, contexto institucional, sócio institucional e etc.

Na era da informação, comportamentos, práticas e saberes se alteram com muita velocidade. Essas alterações refletem sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação.

Algumas [áreas de conhecimento] caminham para o passado conhecido e ignoram o que está por vir. São desenvolvidas para a formação de pessoas para um tempo que já passou e ignoram as transformações vigentes na realidade presente e as tendências que prenunciam o futuro (KENSKI, 2013 p. 22).

Estar aberto para novas educações é quem sabe, apostar em mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender sugeridas pela atual exigência de mercado tecnológico e inovador no mundo do trabalho e como destaca Kenski, 2013.

O que permite pensar que as tecnologias podem potencializar o processo educativo, tornando-o mais interessante e dinâmico, sendo fundamental para a vida humana. Pensar em um novo ambiente físico ou digital, que viabilize novas formas de aprender a apreender em todas as suas dimensões. Pois, “[...] as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço, e de tempo, estabelecendo novas pontes de estar juntos fisicamente ou virtualmente” (MORAN, 2006 p. 8).

As novas mídias ou inovações tecnológicas a exemplo: internet, redes sem fio, ambientes virtuais, ipads, iphones entre outros, são percebidos no processo de ensinar e aprender a educação o tempo todo. O surgimento de desafios mencionados nos dias atuais poderá impulsionar prática e saberes docentes para um trabalho preciso, significativo, interativo, proativo e de resultados. Para Cortella (2014, p. 51) “Um trabalho será bem feito se souber fazê-lo. Pode ser bem feito sem computadores. E pode ser mais bem feito ainda com os computadores”.

Na medida em que as tecnologias realizem o auxílio ou o fazer no trabalho seja este qual for, a probabilidade de comunicação pode ser ampliada e os ganhos podem ser atingidos quando se sabe o que se faz. Segundo Cortella (2014 p. 67), “[...] preciso conhecer um pouco mais sobre o que ele, aluno, gosta e porque gosta. Não é para saber o que ele gosta para ficar

ali mesmo; é para partir do que gosta para chegarmos ao que é preciso chegar e foi planejado”.

E sob o fato de se conhecer sobre o aluno ou o que se pretende realizar com as atividades propostas em ambientes formais ou não formais o autor enfatiza a importância de está aberto a mudanças quando,

A atitude de mudança é que responde à possibilidade do novo. Aliás, só quem não teme o novo (o novo, não a novidade) é capaz de mudanças significativas. Outros, que ficam temendo o novo ou só vão atrás de novidade, entram num transtorno da sua capacidade, inclusive de educação (CORTELLA, 2014 p. 34).

Essa atitude de mudança referida por Cortella busca a troca de construções que tragam significado na vida dos sujeitos e aprendizagens para toda uma vida. O que para Moran, a educação [estas ações] deve,

[...] surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo o momento. A educação precisa encantar, entusiasmar, seduzir, apontar possibilidades e realizar novos conhecimentos e práticas. [...] espaço privilegiado de experimentar situações desafiadoras do presente e do futuro, reais e imaginárias, aplicáveis ou limítrofes (2007, p. 21 e 22).

Refletir e criar “meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem” (MORAN, 2007 p. 38). É uma responsabilidade e um desafio!

É possível perceber que a tecnologia pode ser uma alavanca para a promoção do conhecimento e a melhoria nos espaços por onde ela passa. Sugere autonomia e segurança para aqueles que buscam experimentá-la. Para isso, se faz necessário que o indivíduo, instituição, discente, docentes e profissionais queiram o degustar dessa experiência com a tecnologia e seus avanços digitais, tecnológicos e mediáticos.

[...] há ideias novas quando se pensa educação. O novo brota do velho, isto é, somente uma prática pedagógica que venha ao encontro das exigências de um tempo de maior expectativa de vida dos seres humanos pode materializar o fato: educação é formação para a vida toda. (ALBUQUERQUE; ALVES, 2013 p. 12).

E, se tratando de tecnologia podemos parafrasear as autoras ao dizer que tecnologia é “formação para vida toda” (ALBUQUERQUE; ALVES, 2013). “E nesse sentido, reforçam a ideia de que conhecer é um acontecimento social, ainda que com perspectivas individuais” (ALBUQUERQUE; ALVES, 2013 p. 13).

Ao falar de perspectivas individuais a gestão da tecnologia pode ser tratada como prática pedagógica em que o planejamento, decisões e a participação nos projetos planejados no trabalho e na escola comungam do mesmo princípio, saber fazer para reconstruir o velho no novo e no alcance de aprendizagens que validem a construção no processo de apropriação desses conhecimentos.

De modo que exista a possibilidade do transitar das relações e do conhecimento construído a curto ou longo prazo nos ambientes de gestão escolar, sala de aula e ambientes externos. Os meios de comunicação e tecnologia podem mediar esse processo de concepções das metodologias o que favorece outras formas de desenvolver a arte de ensinar e aprender. “[...], criar conexões, integrar o cotidiano com o conteúdo didático, em fazer a ponte entre a experiência dos alunos e o tema da aula”. (MORAN, 2009 p. 19).

Tecnologia e coordenação são temas que repercutem a grandes questionamentos, o que pode favorecer o universo da pesquisa, a exemplo: como ampliar o uso de tecnologias na mediação do aluno e o professor sob os novos métodos e utilidades que ambos se utilizam dentro e fora de sua sala de aula e como essas tecnologias podem contribuir para o uso de uma coordenação presente na vida da escola e/ou trabalho que corroborem na disseminação da informação e na geração do conhecimento.

Na medida em que as inovações tecnológicas e informação surgem, novas formas de ensinar e aprender são construídos e apostam discussões acadêmicas, filosóficas e históricas para o futuro. Pois, “a produção e o desenvolvimento da aprendizagem não podem estar voltados a um único espaço: o espaço escolar ou [fora dele] deve atender aos espaços pluriculturais, ao tempo e a linguagem do indivíduo como um todo” (PADILHA, 2013 p. 23).
Para a autora,

[...] o desenvolvimento da aprendizagem, deve ocorrer em vários espaços de busca e construção; diálogo e confronto; de fazer a reflexão e a organização entre os outros elementos. Portanto, para que venha ocorrer a aprendizagem é necessário que se trabalhe de forma diferenciada, fundamentando e ampliando o preceito de diversidade de forma lógica e organizada (PADILHA, 2013 p. 23).

Este espaço do físico e virtual, do novo e das novas possibilidades da tecnologia e coordenação pode possibilitar um novo recomeço de uma nova era que se refaz a cada dia. Com o tempo, o indivíduo é capaz de aprender novos padrões de construção e ressignificação de sua própria prática. Independente de onde seja seu ambiente de construção e de ensino

poderá ocorrer experiências significativas que contribuam para uma nova e evidente aprendizagem. Segundo Gómez,

Os cenários de aprendizagem nos quais se encontram o conhecimento difundido e disponível a todos, oferecendo oportunidades inesperadas de aprendizagem, são as intermináveis redes tecnológicas para o armazenamento, a troca e a criação permanente de informação e conhecimento (GÓMEZ, 2015 p. 50).

A troca de saberes deve ser fundamental para o incremento de práticas educativas, metodológicas e tecnológicas nos espaços vivenciados pelos sujeitos e na interação de uns para com o outro. O que permitirá “desenvolver habilidades de seleção, processamento, organização e aplicação crítica e criativa de tal informação” (GÓMEZ, 2015).

Ainda segundo o autor, “quanto mais rica e plural é a rede de intercâmbios, mais poderoso será o aprendizado de cada indivíduo” (GÓMEZ, 2015 p. 51). É possível pensar práticas de coordenação com o uso das tecnologias que participem desta interação e contribuam para o surgimento de novas ideias, reflexões e ações que possam resultar em intervenções e mediações construídas e modificadas á base do contexto e do vínculo existente das relações de si mesmo e com o outro no processo de ensino e aprendizagem.

AÇÕES PEDAGÓGICAS E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Pensar pedagogicamente as ações de coordenação e tecnologias digitais da informação e comunicação remete pensar que possa ser algo de fácil compreensão e apreensão, no entanto, um desafio à prática do coordenador diante do crescimento de uma era digital repercutida no mundo em que vivemos. O que leva a reflexão quanto às ações de gestão escolar ou não escolar que devem mediar o processo de ensino e práticas metodológicas nos ambientes em que o saber e o exercício do conhecimento estejam em sintonia no campo da tecnologia. O esvaziar-se de conceitos e mesmo práticas pedagógicas, é um importante passo para novas experiências e saberes como afirma Gómez,

Quando reconhecemos os nossos preconceitos, estereótipos e concepções, começamos a entender e a aceitar que estamos presos pelas nossas expectativas e perspectivas e podemos aceitar a intervenção de terceiros com diferentes perspectivas (GÓMEZ, 2015 p. 65).

E ao aceitar possíveis intervenções, diferentes formas de se perceber enquanto agente de mudança e transformação pode ser percebido onde quer que se esteja. Segundo esse mesmo autor (2015), “nossas crenças são construídas a partir da matriz cultural da comunidade em que vivemos”. É comum a identificação quando se parte de algo já sabido ou aprendido durante o tempo de formação profissional, do indivíduo e em sociedade. No entanto, quando algo novo emerge o sentimento recente é não dá atenção ou até mesmo veracidade como a criação de dificuldades para com a aceitação da nova proposta de ensino. O costume de práticas repetidas, sejam elas quais forem, dificultam o acesso à inovação e informação.

Contudo uma vez que esses esquemas intuitivos, habitus ou gestalt, operam como plataformas que potencializam as nossas experiências futuras, mas também como filtros que selecionam o que percebemos, sentimos e desejamos, o processo de crescimento pessoal de cada indivíduo em seu contexto social requer tanto questionar, desaprender e relativar as próprias ferramentas de conhecimento, sentimento e ação como expandir o campo de experiência, reflexão e intercâmbio (GÓMEZ, 2015 p. 68).

A ideia deve ser de agregar novas posturas e conhecimentos, à medida que se vive a experiência criando significado para prática pedagógica. “Aprender de maneira mais potente e científica supõe questionar, desaprender e reconstruir” (GÓMEZ, 2015 p. 69). E a essa reconstrução da prática e saberes, é fundamental a aprendizagem por competências.

Ou seja, [...] o currículo deve oferecer oportunidades de experiências, para que os indivíduos se formem como autores das suas próprias vidas, como aprendizes que se autodirigem ao longo de toda vida, pesquisadores rigorosos, comunicadores eficazes, cidadãos solidários e comprometidos com a construção das regras do jogo comunitária, criadores singulares em suas respectivas áreas de especialização e interesse, colaboradores efetivos nos grupos e na comunidade (GÓMEZ, 2015 p. 76).

Uma nova visão curricular que incorpore as competências como eixo central na formação e qualificação a novas formas de ensinar e aprender as tecnologias da informação no uso da coordenação. Pois o currículo tem sido intensificado e a busca por profissionais aptos e qualificados para novas oportunidades no âmbito do mundo profissional e virtual, tem oportunizado competências que pode fazer a diferença nos dias atuais. O entendimento deve desenvolver ao máximo as potencialidades que cada sujeito carrega em si mesmo e o que este sujeito pode realizar com o outro, o “seu próprio projeto pessoal, social e profissional em [uma realidade] em constante mudança, acelerado, vertiginoso, [...] (GÓMEZ, 2015 p. 76).

Pois,

O confronto, o debate, a necessidade de coordenar e dar sentido a diferentes pontos de vista, díspares e inclusive, em princípio, contraditórios, estimula o

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

crescimento do pensamento crítico, a capacidade de transcender os limites conceituais da própria cultura, de se abrir para a discrepância, a incerteza, a mudança, a novidade e o território do possível (GÓMEZ, 2015 p. 83).

As ações de coordenação e a tecnologia devem ajudar a compreender que construções de significados, se convergem em qualidade e inovação diante da busca de alternativas que satisfaçam os envolvidos no processo de aprendizagem e “no desejo de aprender, de experimentar, de correr riscos e de inovar ao longo de toda vida” (GÓMEZ, 2015 p. 83). O que permite pensar que a,

Revolução pedagógica necessária na era digital não se encontra em dispositivos e plataformas on-line por si mesmas, mas na formação personalizada, que as ferramentas digitais permitem e estimulam, na possibilidade de seguir o próprio ritmo de aprendizagem e comprovação, os próprios interesses e paixões, para ajudar cada [sujeito] a construir os seus próprios caminhos e conexões, instrumentos, situações [...] (GÓMEZ, 2015 p. 95).

A relação da tecnologia e coordenação pode ser percebida como via de mão dupla em que a aprendizagem se dá no desenvolvimento das ações entre ambas e a integração do saber fazer faz parte da relevância que cada um desperta no campo de atuação da ciência e atualidade. E, o saber fazer tecnologia nas relações dos indivíduos não é diferente das ações pedagógicas ou não que a coordenação deve desenvolver nos espaços por onde perpassa. O desafio pode ocorrer no dia-dia dessas relações de si mesmo com o outro, e como a coordenação pedagógica utiliza as ferramentas tecnológicas para embase de sua prática e seu conhecimento?

A esse questionamento de como a coordenação pedagógica se utiliza de possíveis ferramentas tecnológicas, é possível pensar no desenvolvimento de competências profissionais. Aqui, não adentraremos a fundo sobre o que são competências e seus desdobramentos, mas que é possível pensar competência profissional quando o indivíduo pode resolver determinado assunto ou realizar uma determinada tarefa. Uma ideia de capacidade ou soma de conhecimentos. Para Gómez,

As competências são sistemas complexos, pessoais, de compreensão e de atuação, ou seja, combinações pessoais de conhecimentos, habilidades, emoções, atitudes e valores que orientam a interpretação, a tomada de decisões e a atuação dos indivíduos humanos em suas interações com o cenário em que habitam, tanto na vida pessoal e social como na profissional (GÓMEZ, 2015 p. 74).

Essa característica de competência dita pela autora deve ser refletida no dia-dia da prática docente enquanto sujeito de mudança e interação. Pois, “a pessoa competente em qualquer um dos diferentes âmbitos do saber tem de ser capaz de utilizar todos os seus recursos para desenvolver [diferentes] processos [de sua prática]” (2015 p. 74).

Em uma era em que o digital é uma crescente, as ações de coordenação precisam se aperfeiçoar constantemente, se manter à frente as demandas exigidas da instituição a qual se submete ou mesmo ao mercado de consumo e as variadas formas de se perceber no outro e com o outro. Para então,

[...], enfatizar a falta de um fundamento definitivo dos conceitos, crenças, categorias, modelos mentais e teorias; estimular o intercâmbio de diferentes opiniões e propostas para desenvolver a capacidade de pensar de modo estratégico, questionando os fundamentos e as conseqüências; incentivar a curiosidade e reconhecer o caráter efêmero, temporário e contingente de todo conhecimento (GÓMEZ, 2015 p. 81).

Para Gómez (2015) é desenvolver uma mente crítica. O que a coordenação e a tecnologia em espaços percorridos por sua prática metodológica, mediática, interativa e participativa devem propor junto aos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem a construção e a fluência do conhecimento. O que facilitará a produção “ao desejo de aprender, de experimentar, de correr riscos e de inovar ao longo de toda a vida” (GÓMEZ, 2015 p. 83).

O autor salienta que, “tudo deve ser acessível ao conhecimento e à experiência, ao existente, ao já consolidado e ao possível, ao local e ao global, à identidade herdada e à personalidade escolhida, buscada e emergente” (2015 p. 102).

Nesse sentido, “a verdadeira riqueza do conhecimento está no potencial das ideias, modelos e teorias” (GÓMEZ, 2015 p. 103), que se tem ou que se pretende adquirir!

ENSINAR E APRENDER EM ESPAÇOS DE GESTÃO E TECNOLOGIA

O ensino e a aprendizagem são formas diferentes de conhecimento. Ainda que suas características sejam em comum frente às situações de aprendizagem, diferenciam quanto à prática de suas ações para o crescimento e desenvolvimento dos saberes. “Qualquer aplicação do conhecimento é uma nova oportunidade para aprender e toda nova aprendizagem abre uma nova oportunidade de aplicação” (GÓMEZ, 2015 p. 111).

Diante do sentido para com os novos conhecimentos e novas aplicações quanto ao saber fazer, “[...], o/a aprendente pode assumir o papel de verdadeiro gestor dos seus processos de aprendizagem” (ASSMANN, 2005 p.22). Esta realidade deve mensurar as

reflexões e ações dos sujeitos para o alcance de possíveis resultados esperados na gestão das atividades e práticas tecnológicas.

Segundo os autores é preciso repensar formas de apreensão do conhecimento quanto ao uso e o repasse das informações nos espaços onde as experiências devem ser totalizantes e significativas na vida dos indivíduos participantes dessas práticas.

“A função do [gestor] está condicionada à forma com que as tecnologias digitais são apresentadas no processo de ensino [...]”, a elaboração de nova abordagem teórica, centrada na valorização do conhecimento que signifique “aprender a buscar o saber” [...], “As tecnologias digitais favorecem novas interações entre os agentes humanos e técnicos e fazer emergir novas formas de aprender fundamentadas muito mais nos sentidos, sentimentos e emoções” (LOPES, 2005 p. 34).

Essa autora reforça também a ideia de novas concepções e abordagens à prática e ao saber na esfera dos conhecimentos ente os autores citados anteriormente. A construção e reconstrução desses saberes deve ser um permanente no âmbito profissional, pessoal e social dessas ações de coordenação e tecnologia

Em que,

“A liberdade e a interatividade possibilitam [...] o estabelecimento de uma relação com o mundo rica e autônoma, pois fluem destas relações a valorização da sensibilidade, da intuição e da emoção, possibilitando ao aprendente potencializar e não romper os vínculos entre o conhecer, o fazer e o ser” (LOPES, 2005 p. 43).

O vínculo do conhecer, fazer e o ser como descreve a autora Lopes (2005), são pressupostos de construções dependentes e independentes ou complementos de uns com os outros. Sejam as mais variadas interfaces dirigidas pelo gestor ou a tecnologia deve “explicitar o reconhecimento do processo educativo [ou não] como sistema complexo e dinâmico” (LOPES, 2005 p. 44), dessas construções. Para Lopes também,

“Os novos ambientes de aprendizagem requerem [dos sujeitos]: competência de saber trocar saberes, [...] para construir e reconstruir [...], conhecimentos significativos, para reconhecer o erro como fator de construção e saber lidar com as incertezas, as transitoriedades, os problemas. Diálogos e atitudes que encorajem [...], a lidar com todos estes novos elementos componentes das formas de conhecimento são dados essenciais à construção do novo processo de ensino e aprendizagem [...]” (LOPES, 2005 p. 49).

O possível desenvolvimento das relações recíprocas entre as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem pode gerar ressignificações para um trabalho efetivo e

construtivo diante da quebra de paradigma para com as ações metodológicas, tecnológicas e profissionais no ambiente em que os aprendizes sejam provocados a investigar e descobrir novas oportunidades do saber-fazer.

“Novas experiências pedagógicas podem surgir na conexão com as novas tecnologias digitais, impactar o ambiente [...] e transformá-lo em múltiplos ambientes cognitivos cooperativos, abertos e exploradores de outros mundos contextuais com suas linguagens inovadoras. Ambientes ricos em discursos, imagens, sentimentos e imensa reserva de desejos e signos que constituem a construção do ser humano, que está sempre a refazer, inacabada” (DELGIN, 2005 p. 67).

Essas conexões citadas por Delcin (2005) devem permear as atividades da coordenação e junto às atividades a imersão no campo das tecnologias da informação e comunicação. Pois as experiências são geradas de uma significativa troca de saberes do ensino e da aprendizagem e que ambas são indissociáveis para vida profissional, pessoal e emocional do indivíduo no mundo. “Quanto mais ricas essas redes, mais nos realizaremos como pessoas e mais úteis nos tornaremos para os grupos e organizações aos quais nos vinculamos” (MORAN, 2007 p. 67).

O que para Moran essas experiências de aprendizagem devem resultar,

“[...] no saber conviver nos espaços virtuais, saber comportar-se na comunicação on-line, nos diversos espaços digitais pelos quais nos movemos, respeitar a diversidade, comentar com equilíbrio opiniões diferentes ao divulgar informações sobre terceiros” (MORAN, 2007 p. 67).

É possível pensar o fazer diferente, de uma forma de ensino e aprender diferente, de tudo que já foi feito, possibilitando novas concepções, ideias, decisões, respostas e questionamentos que possam resultar em experiências de situações novas de mudança nos ambientes virtuais e não virtuais, novos modelos de interação e mediação com e junto à gestão e tecnologia.

A ideia de conexão dos espaços em que a gestão pedagógica e a tecnologia estejam cada vez mais ligados e fluentes, pode ser de fundamental importância para o cotidiano das pessoas envolvidas no processo de ensinar e aprender. Um entendimento positivo, ativo e claro do conhecimento de si mesmo, pessoal e tecnológico. Pois, “não basta ter acesso à tecnologia para ter domínio pedagógico” (MORAN, 2007 p. 91). Mas, pode fazer parte da gestão pedagógica, das formas de ensinar e das ferramentas tecnológicas que participam e oportuniza o saber e o aprender tecnologia nos lugares por quer que seja.

“Vale a pena inovar, testar, experimentar, porque avançaremos mais rapidamente e com segurança na busca de novos modelos, que estejam de acordo com as mudanças rápidas que experimentamos em todos os campos e com a necessidade de aprender continuamente” (MORAN, 2007 p. 165).

A gestão pedagógica e a tecnologia podem proporcionar situações que façam sentido para todos à sua volta, quer nos dias atuais quer em ações previstas para o futuro. As mudanças caso se façam necessárias em todos os níveis de ensino e aprendizagem podem trazer reinvenções para melhoria e aprendizado da teoria e prática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na coordenação pedagógica da educação profissional identificamos o uso de tecnologias da informação no planejamento, acompanhamento, monitoramento, na formação docente e nas ferramentas adotadas pelos profissionais de ensino utilizadas no processo de aprendizagem. O que indica segundo Moran,

[...], integrar as diferenças locais e os contextos culturais. [...], gerenciar as divergências, os tempos, os conteúdos, os custos, estabelecemos os parâmetros fundamentais. Traçamos linhas de ação pedagógicas gerais que norteiam as ações individuais, sem sufocá-las. Respeitamos os estilos, [...] Respeitamos as diferenças que contribuem para o mesmo objetivo. Personalizamos os processos de ensino-aprendizagem, sem descuidar do coletivo. (2013 p. 33).

Podemos, portanto, sublinhar a existência de alinhamento entre as ações em destaque da coordenação e a perspectiva teórica do autor, o que indica a possibilidade de fortalecer a construção de conhecimento entre os participantes, no âmbito da formação técnica e na qualificação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o avanço das tecnologias e os impactos da proposta de ação da coordenação pedagógica para com a inserção das informações no contexto de trabalho profissional, a preocupação é percebida de forma salutar quando o ensino tecnológico e aprendizagem virtual e real das ações da coordenação se entendem em busca da qualidade.

Logo, estas ações da coordenação e da tecnologia pode possibilitar a mediação da inovação junto à construção do conhecimento e o aperfeiçoamento tecnológico, metodológico

e científico gerados a partir de experiências significativas que subsidiará outros estudos no campo da educação e mundo de uma era digital.

Assim, a compreensão a respeito das tecnologias e coordenação pedagógica precisa ser assimilada no processo de interação consigo mesmo e com o outro, sugerindo outras investigações a respeito do estudo e questionamentos do tema. Pois as tecnologias sempre estiveram presentes como ferramentas que mediam as atividades e processos de ensino na construção do conhecimento em sala de aula e na gestão educacional.

Podemos inferir que a inserção das tecnologias no contexto da profissionalização instiga os profissionais ao aperfeiçoamento digital e a experimentação de práticas pedagógicas inovadoras que incentivem a pesquisa seja ela individual ou em grupo, a avaliação do processo do ensino, a troca de saberes e experiências concretas e significativas e a efetivação do uso da tecnologia como meios e não só como ferramentas de apoio e suporte a uma determinada atividade ou funcionalidade no trabalho profissional e ou educacional.

O reinventar o saber e o aprender em diversas formas e ritmos, métodos e tecnologias, para que possam contribuir na sociedade em todas suas necessidades e peculiaridades. Pensar tecnologicamente e virtualmente as ações de gestão pedagógica e o ensino-aprendizagem do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de; ALVES, Simone Silva. **Nas ideias pedagógicas: uma educação para a ação.** São Leopoldo: Itapuy, 2013.

ASSMANN, Hugo. **Redes digitais e metamorfose do aprender.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes.** São Paulo: Cortez, 2014.

DELCIN, Rosemeire Carvalho do Amaral. A metamorfose da sala de aula para o ciberespaço. In: ASSMANN, Hugo. (Org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DIEZ, Carmem Lúcia Fornari; HORN, Geraldo Bauduino. **Orientações para elaboração de projetos e monografias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **Educação na era digital: a escola educativa.** Porto Alegre: Penso, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente.** Campinas, SP: Papyrus, 2013.

LOPES, Rosana Pereira. Um novo professor: novas funções e novas metáforas. In: ASSMANN, Hugo. (Org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação docente e novas tecnologias**. Universidade Federal de Alagoas, Maceió – Brasil, 1998. Disponível em: http://www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/210M.pdf. Acesso em: 14/08/19.

MORAN, José Manoel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

MORAN, José Manoel; NASETTO, Marcos. DEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.